

Niemeyer: Povo tem que morar no Plano Piloto

Arquiteto diz que expulsão dos pobres desvirtuou seu projeto. Mas acha que situação mudará

O arquiteto Oscar Niemeyer lamentou ontem que "as pessoas que construíram Brasília, os que fizeram a cidade, os palácios, as escolas, os apartamentos, nunca tenham utilizado nada, nunca puderam usufruir do que fizeram. Tiveram que ir morar longe de Brasília, nas cidades-satélites". Niemeyer, que retornou a Brasília esta semana para assessorar o governador José Aparecido, disse que sente prazer em ver que o atual Governo tem interesse em reverter esta situação.

— Se vocês observarem o Plano Piloto do Lúcio Costa, ele já previa uma zona para residência de operários. Mas a má distribuição do dinheiro, essa injustiça imensa em que nós vivemos, não deixou que isso se realizasse. E houve então esse êxodo dos pioneiros em busca de trabalho, para viver de qualquer maneira — disse.

Durante entrevista coletiva à imprensa, o arquiteto lembrou as dificuldades que encontrou na fase de construção de Brasília, a má vontade dos chamados governos revolucionários, falou um pouco sobre seu estilo e sobre seus planos para a cidade. Uma das primeiras coisas que pretende fazer é modificar a Catedral.

Ele justifica sua preocupação em relação à Catedral porque ela é "o único edifício importante onde todo mundo que chega tem entrada franca. Nos outros tem que ser convidado para visitar. De modo que me interessa muito refazer a igreja. Colocar o vitral, tirar as cadeiras (que são horríveis) e, enfim, fazer com que ela seja, realmente, uma boa mostra de arquitetura para os que vieram à Capital".

DESENGANO

Niemeyer disse que, apesar dos sacrifícios, "foi muito bom" trabalhar na construção da cidade. "Nós vimos a cidade nascer pouco a pouco, e a cidade foi crescendo até se tornar adulta e ficou uma capital bonita. Uma capital como Juscelino queria. Ele sempre dizia que não queria uma capital qualquer. Ele queria uma capital que representasse um grande

País, como seria o Brasil um dia. De modo que quando a construção terminou, eu tive um pouco de desengano. Quando a gente pensa numa capital para o futuro, a gente pensa numa cidade para o homem, uma cidade onde as pessoas possam viver decentemente, felizes. E em Brasília não foi assim, infelizmente".

Sobre a sua carreira,

Niemeyer disse que foi

sempre uma luta para mos-

trar as possibilidades do

concreto armado. "Qual-

quer outro caminho deve

ter de tudo: uma arquitet-

ura mais singela, mais sim-

ples, mais ligada ao povo,

como muitos preferem e

aconselham. Isso eu nunca

level a sério. Porque o que

vai ficar da arquitetura

moderna, é essa arquitet-

ura que vai mostrar, no fu-

turo, o progresso técnico de

nossa época".

EM MOSCOU

O arquiteto disse que "houve um momento em que a coisa chegou a ficar difícil", referindo-se à época do regime militar. "Quando cheguei ao aeroporto, eles disseram que lugar de arquiteto comunista era em Moscou. Eles começaram a me chatear. Eu fazia projetos e eles não aceitavam. Eu fiz diversos. Eu fiz o estádio e eles não realizaram. Eu fiz os museus e eles não realizaram. De modo que eu fui fazendo porque eu criava um caso com eles. Eles pediam os projetos e eu fazia. Se eles não realizavam era outra coisa".

— Mas chegou um ponto em que eu tinha de tomar outra deliberação. E lá parti eu com minha arquitetura, as minhas mágoas, para o novo mundo. E lá fora, como apoio de De Gaulle, de André Malraux, eu pude trabalhar muito. Eu pude mostrar o que gostaria de ter feito no Brasil. Uma arquitetura com mais arrojo, porque o tempo permitia mais coisas. E fiz projetos na Itália, na Argélia, na França, com maior desenvoltura, com a preocupaçao de não mostrar apenas o meu trabalho, mas também o progresso da engenharia brasileira, fazendo arquitetura exprimindo o concreto armado, como eu acho que ela deve exprimir.



Oscar Niemeyer e José Aparecido visitam o local onde será construído o teatro (em estilo grego) na Ceilândia. O croqui do projeto (abaixo) foi rascunhado e entregue à imprensa pelo arquiteto, que quer levar os ricos para a região mais pobre do Distrito Federal.

